



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS A DISTÂNCIA

GUTHYEVSON MARTINS DE LIMA

**SEXO E GASTRONOMIA EM DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS DE JORGE
AMADO**

CONDE, PB
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS A DISTÂNCIA

GUTHYEVSON MARTINS DE LIMA

SEXO E GASTRONOMIA EM DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS DE
JORGE AMADO

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Licenciatura em Letras-Português, na modalidade Educação à Distância, apresentado à Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura plena em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Hermano França Rodrigues
Coorientador: Matheus Pereira de Freitas

CONDE, PB
2023

**Catálogo na publicação Seção
de Catalogação e Classificação**

L732s Lima, Guthyevson Martins de.

Sexo e gastronomia em dona flor e seus dois maridosde Jorge Amado / Guthyevson Martins de Lima. - Conde, 2024.

36 f.

Orientador: Prof Dr Hermano França Rodrigues. Coorientador:
Prof Me Matheus Pereira de Freitas.TCC (Graduação) -
Universidade Federal da

Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,2024.

UFPB/CCHL

CDU 82-31(81)

GUTHYEVSON MARTINS DE LIMA

**SEXO E GASTRONOMIA EM DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS DE
JORGE AMADO**

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Licenciatura em Letras-Português, na modalidade Educação à Distância, apresentado à Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura plena em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (Orientador)
(UFPB/PPGL/LIGEPSI)

Prof. Me. Matheus Pereira de Freitas (Coorientador)
(UFPB/LIGEPSI)

Profa. Ma. Wanessa de Góis Moreira (Avaliadora 1)
(UFPB/LIGEPSI)

Prof. Guilherme Ewerton Alves de Assis (Avaliador 2)
(UFPB/LIGEPSI)

Sumário

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 METODOLOGIA..... | 9 |
| 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 10 |
| 3.1 AS DELÍCIAS DE EROS NO FESTIM DA PORNOGRAFIA..... | 10 |
| 3.2 GASTRONOMIA NOS ALFARRÁBIOS HISTÓRICOS E LITERÁRIOS..... | 14 |
| 3.3 AS DELÍCIAS DO SEXO BANQUETE DA PORNOGRAFIA | 16 |
| 4 AS VITUALHAS AGRIDOCES DO SEXO EM <i>DONA FLOR E SEUS DOIS</i> | |
| <i>MARIDOS, DE JORGE AMADO</i> | 18 |
| 4.1 A ESTÉTICA LITERÁRIA DE JORGE AMADO | 18 |
| 4.2 GLUTONARIAS DO DESEJO: MANJARES DO SEXO DEGLUTIDOS EM <i>DONA</i> | |
| <i>FLOR E SEUS DOIS MARIDOS, DE JORGE AMADO</i> | 21 |
| CONCLUSÃO..... | 34 |

RESUMO

A confluência entre o sexo e a gastronomia nos incita a mergulhar nas profundezas do ponto de confluência do corpo, imerso no contexto onde se desdobram as mais corriqueiras trocas simbólicas entre os seres humanos: a sagrada alcova da cozinha. Esse sacro e profano recinto, de natureza polifacetada, desvela-se como um santuário de múltiplas potencialidades, onde o corpo se metamorfoseia e se reveste de novas significações, reinterpretando sua própria sintaxe em um bailado sinuoso de sabores e aromas. Assim como os vapores que exsudam dos utensílios sob a ardência das chamas, de maneira análoga, exsudam os vapores emitidos dos corpos humanos, em uma dança etérea e sensual que permeia os recônditos da experiência humana. Nesse corolário, o presente trabalho tem por intento investigar o romance *Dona flor e seus dois maridos* (1966), de Jorge Amado, debruçando-se especialmente sobre dois elementos basilares, que (des)estruturam a trama, a saber: o sexo e a gastronomia. Na célebre narrativa, vislumbra-se uma íntima relação entre os banquetes do erotismo – em conluio com os seus rituais canibalescos do sexo –, bem como os manjares alimentícios; assim, no triângulo amoroso, confeccionado por ingredientes ora doces ora amargos, disposto na mesa, composto por Dona Flor, Vadinho e Teodoro, acompanha-se os ‘pratos’ servidos num autêntico festim de Eros.

Palavras-chave: Erotismo; Sexo; Corpo; Jorge Amado.

INTRODUÇÃO

As conexões entre alimentação, prazer e sexualidade transcendem as expectativas convencionais, entrelaçando-se de maneira intrínseca e complexa. Ao longo da trajetória evolutiva da humanidade, é inegável o papel preponderante exercido pela alimentação no desenvolvimento do corpo humano, especialmente do cérebro, o qual gradativamente reconfigurou os padrões de ingestão, estabelecendo uma malha de relações causais e consequenciais. A essencialidade da nutrição remete não apenas à mera absorção de alimentos, mas também à vivência do deleite associado a ela, concebido como um fenômeno multifacetado que envolve não apenas as papilas gustativas, mas também outros receptores sensoriais que podem ser equiparados, em certo sentido, às zonas erógenas.

Ergo, o ato de alimentar-se influi de forma contundente tanto sobre o âmbito corporal quanto sobre o mental, estabelecendo uma simbiose na qual a voluptuosidade assume papel primordial, compartilhando os mesmos trajetos neurais do prazer carnal e das vivências estéticas. O desenrolar da evolução humana culminou na emergência da necessidade inata do ser humano de estabelecer laços interpessoais e de atribuir significados às experiências, manifestando-se por meio de momentos de maravilhamento e de comoção, em paralelo ao desenvolvimento do ato alimentar desde a simples ingestão de alimentos em estado natural até a sofisticação da culinária refinada.

Por longos anos, têm os preceitos socioculturais, imbuídos de sua longeva tradição, imposto como imperativo quase inelutável a comunhão corriqueira de víveres e néctares, erguendo-se, assim, como um prólogo quase inescapável ao ato carnal. Todavia, constata-se, de forma insofismável, que, ao longo do intrincado caminho do cortejo, mesmo nas eras da modernidade fluida, permanece quase (iner)radicável o estágio preliminar, revestido de uma natureza eminentemente oral. Desse modo, é comum observar que o ardor do desejo, amiúde, elege o momento de seu afloramento no instante em que se defronta com um cálice ou uma travessa contendo substâncias líquidas ou sólidas, estas últimas, produto de uma metamorfose culinária. Desponta, assim, a sugestão de que o articular das palavras, enquanto se tangencia os lábios ou a língua a um manjar ou à ambrosia, poderia ser suficiente para incitar o anelo ao paladar,

antecedendo mesmo o inaugural toque labial, um fragmento da essência sensual alheia.

Na confluência entre o erotismo, a corporalidade e a gastronomia, sobressai a percepção de que o corpo não se erige unicamente como uma entidade inanimada, mas ostenta em sua essência intrínseca um complexo aparato, delineando uma região notabilizada como "cartografia erótica". Assim, emerge um mapa corporal sensual, onde se delimitam os territórios sensoriais responsáveis pela conformação sexual, cuja extensão se desdobra por meio dos movimentos e das posturas corporais, ensejando uma reflexão acerca da ética subjacente aos gestos sensuais. O corpo visual é subjugado por uma trama sexual, essencialmente singular, que exacerba as áreas sensoriais, esboça uma morfologia sexual e convoca os gestos corporais, estando ele próprio imerso nessa totalidade afetiva. Eis, pois, a pertinência em abordar a relação intrínseca entre corporeidade, o erótico e a culinária.

Nesse corolário, o presente trabalho tem por intento investigar o romance *Dona flor e seus dois maridos* (1966), de Jorge Amado, debruçando-se especialmente sobre dois elementos basilares, que (des)estruturam a trama, a saber: o sexo e a gastronomia. Na célebre narrativa, vislumbra-se uma íntima relação entre os banquetes do erotismo – em conluio com os seus rituais canibalescos do sexo –, bem como os manjares alimentícios; assim, no triângulo amoroso, confeccionado por ingredientes ora doces ora amargos, disposto na mesa, composto por Dona Flor, Vadinho e Teodoro, acompanha-se os 'pratos' servidos num autêntico festim de Eros. Assim, busca-se analisar como o erótico e o gastronômico, em conjunto, confeccionam um dos semblantes estéticos da obra, compreendendo que, dentre os estratagemas de sedução, os emblemas da culinária – com seus sabores e aromas – comparecem deveras.

No primogênito segmento, empreendemos o esforço de esboçar algumas teorias concernentes ao élan erótico e à sexualidade, alinhavando abordagens filosóficas, sociológicas e psicológicas, com vistas a elucidar a profundidade e a relevância da categoria analítica em pauta, ao passo que resgatamos a contribuição de renomados literatos que, ao longo dos tempos, foram rotulados como 'libertinos' e 'transgressores morais', concebendo o sexo como um elemento de destaque na tessitura estética de suas obras. Nas subseqüentes subseções,

almejou-se a interconexão dos termos basilares desta empreitada, a saber: gastronomia, corporeidade, sexualidade e erotismo, na tentativa de vislumbrar convergências e divergências entre os emblemas que contornam a cada domínio de estudo. Doravante, dedicamo-nos à apreciação da estética literária de Jorge Amado, ao passo que sondamos brevemente sua afinidade pela culinária, como evidenciado em obras icônicas como *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) e *Tieta do Agreste* (1977).

Por último, analisamos especificamente o corpus deste trabalho, a obra magistral *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1966), com o propósito de desvendar os matizes do erotismo, da corporeidade e da sexualidade a partir das efusões gastronômicas e da arte culinária presentes em sua trama. Constata-se que ao longo da narrativa, os laços humanos – notadamente os de cunho sexual – são tecidos e exaltados através do ato de alimentar-se, seja para urdir jogos de sedução, seja para exaltar determinados sabores típicos da região. Assim como Gabriela, personagem de outra empreitada do prolífico autor baiano, que emana a essência de cravo e canela, Dona Flor, exímia mestra dos fogões, orchestra o intricado triângulo amoroso que partilha com Teodoro e Vadinho, manipulando os ingredientes – a seu bel prazer e conforme seu apurado paladar – em prol de suas inclinações e deleites pessoais.

2 METODOLOGIA

A presente investigação fundamenta-se primordialmente numa perspectiva metodológica qualitativa, em que se insere uma abordagem eminentemente reflexiva, vertida através de um meticuloso levantamento bibliográfico. Nesse contexto, a pesquisa empreendida desdobra-se em uma ampla incursão pelos domínios da literatura, da história e da psicanálise, agregando múltiplas perspectivas interpretativas. Destarte, ao se aplicarem tais prismas analíticos à obra literária objeto de estudo, objetiva-se perscrutar e desvelar as múltiplas camadas temáticas que a permeiam, concentrando-se, sobretudo, na exegese dos elementos gastronômicos e dos empreendimentos culinários presentes no tecido narrativo. A opção por uma abordagem qualitativa justifica-se intrinsecamente pela sua afinidade com a natureza exploratória e hermenêutica da pesquisa empreendida, que busca apreender, de forma meticulosa, as nuances intrínsecas à representação da culinária, à luz do universo romanesco amadiano.

Almeja-se, mediante a incorporação de abordagens teóricas oriundas da psicanálise, da história e dos estudos concernentes ao erotismo e à pornografia, aprimorar a análise, ao proporcionar contribuições suplementares acerca dos significados latentes envolvidos na representação da culinária e dos estabelecimentos gastronômicos delineados na tessitura literária. É por meio desses prismas teóricos que se dispõem de instrumentos conceituais preciosos para desvendar os matizes simbólicos, culturais e psicológicos que permeiam a narrativa, ampliando, assim, tanto o espectro quanto a profundidade da pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 AS DELÍCIAS DE EROS NO FESTIM DA PORNOGRAFIA

Contextualmente, a representação erótica na literatura, durante a Idade Média, embora considerada transgressiva aos padrões morais vigentes, não obstante, encontrou brechas para existir, manifestando-se em obras de ilustres literatos como Geoffrey Chaucer, François Rabelais e Giovanni Boccaccio. Importa ressaltar que, aos escritores de teor erótico, a sociedade medieval lhes reservava um lugar marginal, relegando-os ao abismo das condenações infernais. Estes autores encontravam-se confrontados com uma pressão implacável, imposta pela hegemonia eclesiástica, que não apenas condenava o erotismo como um pecado, mas também promovia uma repressão severa a quaisquer manifestações contrárias aos seus dogmas (BATAILLE, 2012).

Como discutido por Freud (1912 [2019]), em períodos de maior permissividade e liberdade sexual, observa-se uma diminuição na intensidade do desejo amoroso. Entretanto, em contrapartida, períodos caracterizados pela restrição e censura exacerbada tendem a inflamar os ímpetos da libido. Sob o jugo da castração sexual imposta pela Idade Média, despontaram escritores cujo propósito era, para além de meramente retratar o erotismo, desafiar os tabus estabelecidos pela moralidade vigente: “Essas obras, essas gravuras, não traduzem, como as imagens da Idade Média, um sentimento comum. Mas a violência da paixão não tinha papel menor nessa arte erótica que nascia da noite do mundo religioso, desse mundo sobrevivente [...]” (BATAILLE, 2012, p. 34).

Segundo Krause, em *O erotismo e a cultura libertina* (2007), conquanto o tabu cultural que permeou as eras, as raízes dionisíacas e libertinas resistiram tenazmente às tentativas de supressão. Para além disso, deve-se considerar as inúmeras páginas escritas por autores anônimos que adornavam as obras licenciosas, circulando de maneira “clandestina”. Outrossim, despontaram figuras célebres e, simultaneamente, execradas, tais como o Marquês de Sade, Ovídio, Sacher-Masoch, Henry Miller, Hilda Hilst, Georges Bataille, entre outros (KRAUSE, 2007).

Na Era Iluminista, emergiu, no campo da literatura, um erotismo autônomo e libertino conhecido como o “Maneirismo”. Com uma revisitação ao classicismo e ao naturalismo, o Maneirismo floresceu na Itália, tendo Michelangelo como precursor visionário. Paralelamente aos italianos, na França, surgiu a influente escola de Fontainebleau, cujas obras artísticas fundiam-se harmoniosamente com mitos e religiões, retratando corpos nus ou seminus imersos em ímpetos orgásticos. Entre os expoentes dessa escola francesa, destacam-se Antoine Caron, Sprangler e Van Haarlem, cujas plumas habilmente teciam narrativas carregadas de libido e transgressão: “Todos amaram o ‘anjo do bizarro’, todos se entregaram às sensações fortes.” (BATAILLE, 2012, p. 35).

No Romantismo francês, desponta um eminente protagonista da literatura de teor erótico: Gustave Flaubert. Debalde imbuído de um idealismo intrínseco, Flaubert se inclinou à exploração dos vínculos entre o erotismo e a efemeridade da vida, tal qual sua célebre obra *Madame Bovary* (1857). Nesse célebre romance, Flaubert retrata, à semelhança de uma orgia literária, diversos personagens envolvidos em encontros amorosos e empreendimentos “(i)lícitos” do desejo. Contemporâneo a Flaubert, o escritor Charles Baudelaire também se destaca ao engendrar em suas obras as perversões e obsessões sexuais da alma humana. Sua coletânea de poemas *As Flores do Mal* (1861) serve como um testemunho literário desse mergulho nas profundezas do desejo, cuja figuratividade se mescla a um erotismo angustiante e melancólico, delineando a angústia existencial e a busca incessante por prazeres proibidos (DABHOIWALA, 2013).

A instintividade “animal”, outrora exaltada na literatura, agora se veste de requintes artísticos, conforme pleiteado por Bataille (1987), assumindo uma

encenação repleta de sutilezas e nuances. Através do erotismo, a mera união carnal se transmuta em uma verdadeira obra de arte, na qual o sexo assume um lugar na experiência estética – sublime e ‘maldita’: “Há muitas formas de definir o erotismo, mas a principal talvez consista em chama-lo de *desanimilização do amor físico* [...]” (LLOSA, 2013, p. 57). Imersos nos eflúvios ululantes, arquetípicos e antropofágicos, que fervilham incessantemente do âmago pulsante de Eros, defrontamo-nos com notáveis e eruditos artífices, entrelaçados nas múltiplas tessituras da Literatura, que tecem, esculpem e delineiam as narrativas da *ars erótica*, ao passo que a vida sexual, permeada por fantasias voluptuosas e devaneios libidinosos: “[...] sempre foi um fermento da criação artística e literária, e, reciprocamente, pintura, literatura, música, escultura, dança, todas as manifestações artísticas da imaginação humana contribuíram para o enriquecimento do prazer [...]” (LLOSA, 2013, p. 58).

Não obstante, além de adornar o ato sexual, a sensualidade desvenda nuances que, extrapolando a satisfação e a realização de fantasias, facultam aos indivíduos – participantes da cena erótica – exporem seus “demônios” clandestinos, considerados, fora do palco dos desejos, letais e sinistros. Comumente, fora dos confins da alcova, paradoxalmente, as pessoas encontram-se encarceradas, cujo domínio está sob a égide da Cultura. Todavia, imersos nos intrincados labirintos traçados por Thânatos, surgem, impetuosamente, exurgem erupções do inconsciente, que almejam sua cidadania no território dos prazeres (DURIGAN, 1985). Por exemplo, ressaltam-se as transgressões (masoquistas e sádicas) que objetivam o prazer tanto próprio quanto alheio. Ademais, torna-se imprescindível, nesse contexto, ponderar sobre a(s) arte(s) como expressões estéticas e comunicativas que materializam os desejos, ora desvinculados das normas sociais, ora apresentados por meio de simulações habilmente urdidas dentro dos parâmetros estabelecidos:

[...] seria uma verdadeira celebração do prazer, que condenado ao proibido, triunfaria na forma de transgressão. [...] [a pornografia e/ou erotismo] poderia representar até mesmo a possibilidade de realização, através do imaginário, da interminável e desesperada busca do desejo. Desejo que sempre busca ultrapassar o princípio da realidade e as limitações concretas do cotidiano. [...] representaria um potencial de rebelião fantástico-erótica que se revelaria na forma de um insulto, de uma blasfêmia desprovida de

consciência, sobre os mecanismos reais da sociedade. (MORAES, 1985, p. 57).

No entanto, numa atitude evocativa de um observador *voyeurístico*, o leitor, conquanto mantendo-se inerte – aguardando com expectativa –, situa-se, quer de maneira consciente ou não, na confecção fantasística do quadro de natureza erótica. A proeminência desse elemento visual, na trama estética da literatura, está essencialmente arraigada nessa manobra de separação do observador, como ressaltado por Goulemot (2000). Com o propósito de fomentar a pulsão de Eros, frequentemente latente e aprisionada nos recessos do inconsciente, o texto literário se utiliza de uma vasta gama de recursos, englobando desde aspectos visuais e sensoriais até elementos de índole especular e sombria: “A representação em quadro da relação amorosa faz uso da imagem fixa, gostaríamos de dizer alucinante, e do movimento do ritual amoroso. Para conseguir, ele utiliza, conjuntamente, a descrição, pelas delegações do olhar [...]” (GOULEMOT, 2000, p. 163). Nesse corolário, a simplória testemunha, em uma comutação inevitável, entranha-se nos recônditos espaços da narrativa, embrenha-se pelas frechas da literatura e, amiúde, assume os andrajos de figuras e entidades presentes na trama pornô(gráfica). O legente da obra literária é convidado, insofismavelmente ao lado dos objetos que estão imersos nela, a gozar:

[...] os corpos invadem todo o espaço, pensado então como um só corpo e um único e mesmo gozo. A comunhão é perfeita, que tudo é unidade: corpo e prazer. À força de afirmar sua combinatória, os corpos acabam sendo abstraídos, quase se eles cedessem o lugar a esse leitor [da arte] ausente e, no entanto, convidado a gozar. O leitor [da arte] não sabe mais o que deve olhar. O quadro apresentado escapa a qualquer lógica: os papéis se modificam, os atores trocam, turno a turno, os papéis ativos e passivos. Cada corpo reduz-se a esta parte dele mesmo que vai permitir experimentar ou provocar o gozo. A parte vale pelo todo. Um gesto isolado toma em consideração a totalidade do movimento. (GOULEMOT, 2000, p. 166).

A experiência sensorial do leitor, em plena erupção, é agitada diante da palpabilidade do prazer que se insinua através das páginas. A interseção entre a sexualidade e suas nuances tem sido, desde tempos imemoriais, um catalisador para a expressão literária, possibilitando a imersão dos deleites nos mais diversos

estratos sociais, independentemente de serem estes favoráveis ou não à exploração do erotismo. Nesse contexto, o gérmen da experiência erótica entrelaça-se com o tecido da produção literária, pois ambos dançam sob a mesma melodia do desejo, sempre ansiando por uma transcendência que os eleva para além de si mesmos (ADOUM, 1997).

A literatura se apresenta como o palco onde o erotismo pode se desvelar sem restrições, permitindo que as representações e evocações (des)encarnem o desejo de forma franca e desinibida, superando os limites impostos pelo convencionalismo social. É através dela que o sexo se transforma em um meio de transcender o meramente físico, alçando-se para as esferas do incognoscível (ALBERONI, 1986). No entanto, mesmo enquanto celebra essa autonomia de expressão, a literatura não se desvencilha de suas raízes primordiais, ancorada na busca pelo prazer e na exaltação do gozo como uma experiência intrinsecamente humana e estética (PAZ, 1982).

3.2 GASTRONOMIA NOS ALFARRÁBIOS HISTÓRICOS E LITERÁRIOS

As práticas gastronômicas, erguendo-se como tradições imutáveis através da efemeridade temporal, obtêm, uma carga simbólica e cultural ímpar, que se erige como marcante. A vivência da convivialidade à mesa, alcançando o seu auge durante os intervalos alimentícios, revela, por meio da apreciação, nuances e refinamentos que frequentemente escapam às expressões linguísticas. Ademais, a alimentação desempenha um papel preponderante na esfera da memória individual e coletiva, exercendo uma influência eterna no universo imaginativo de cada sujeito, e estando intimamente ligada aos sentidos humanos. Nesse contexto, destacam-se as comparações, as disparidades, as convicções e o status social de cada comunidade, por se configurar como um veículo portador do gérmen cultural societário (CASTRO, 2006).

Ao percorrer os anais da literatura, deparamo-nos com a exaltação do prazer – erótico – gastronômico em múltiplas facetas, sobremaneira nos meandros exuberantes do romantismo, conforme aponta Crumpacker, em *A vida sexual dos alimentos* (2009). A prosa romântica brasileira é impregnada por vívidas descrições que remetem à experiência culinária, seja através da figura dos

cativos laborando nas cozinhas das majestosas propriedades rurais seja ao dedicarem seus esforços nas vastas plantações, almejando elevar o Brasil ao status de um dos principais expoentes na produção mundial de cana-de-açúcar (CASCUDO, 2023).

Esse panorama concorre de modo inequívoco para a concepção de uma identidade gastronômica regionalizada quando se discute a vastidão geográfica e cultural que caracteriza o Brasil. Assim, dessa vastidão de matéria-prima, isto é, de ingredientes, prorrompem-se narrativas, como: diversas refeições em *O guarani* (1857) e *Iracema* (1865), de José de Alencar; varias crônicas de Rubem Alves ('Sopa de fubá', 'Sobre nabos crus e professores', 'A maçã'); o conto *A ceia* (1958), de Lygia Fagundes Telles; a trama de *Peru de Natal* (1942), de Mário de Andrade; o enredo de *O jantar* (2000), escrito por Clarice Lispector; *Tieta* que, no romance homônimo (1977), de Jorge Amado, outorgando suas raízes do agreste, prepara moquecas deleitosas.

A especificidade gastronômica regional, quando mantida intacta, concorre para uma disseminação mais ampla das tradições e práticas locais, e, por conseguinte, da riqueza cultural das regiões que encarna. A apreciação da culinária, característica ou regional, deve estar intrinsecamente ligada ao legado cultural imaterial, resgatando os sabores da alimentação popular que possuam, simultaneamente, atributos de autenticidade regional e apelo visual ao degustador (CASCUDO, 2023).

Percebe-se que a culinária se configura como uma manifestação artística, tanto na fase de elaboração, demandando um amplo acervo de saberes e habilidades técnicas, na seleção criteriosa dos elementos constituintes e na metamorfose dos mesmos em iguarias, quanto na etapa de apreciação, requisitando um paladar sutil e sofisticado por parte daqueles que se deleitam com o manjar preparado. Ergo, a gastronomia se entrelaça a um *ethos* existencial amalgamado ao deleite da convivialidade à mesa, configurando-se como a sensação reverberante proveniente das diversas vicissitudes, dos eventos, do cenário, dos artefatos e dos indivíduos que compõem o ritual gastronômico (FLANDRIN; MONTANARI, 2003)

A instauração daquilo que é reputado pelos agregados sociais como sua culinária, ou ainda, a gastronomia regional, desvela-se como um processo

histórico-cultural que, ao longo dos tempos, gradativamente se consolida e se erige por meio da tessitura de incontáveis elementos, os quais se esquivam da escrutinação formal, dado o vínculo intrínseco com o valor simbólico imanente aos componentes que dão forma aos pratos locais e regionais (BORGES, 2013).

No momento em que se revela enquanto narrativa, a culinária se estrutura com o propósito de relatar uma história ao leitor sob a forma de um agente atuante. Esta configura-se como a abordagem mais apropriada para que o processo se desenrole de maneira formal no âmbito narrativo, sendo delimitada como uma classe analítica incumbida de abarcar qualquer entidade vinculada à ação, quer de forma passiva ou ativa, sem restrição ao modo ou a qualquer especificação. Adotando esse enfoque, no contexto da culinária, é pertinente conceber o agente atuante para além de uma mera personificação — sejam os comensais, a equipe de cozinha ou a figura do chef — e alargar a perspectiva para abranger os alimentos e suas propriedades sensoriais, assim como os costumes alimentares e crenças associadas.

Com efeito dessa eloquente manifestação vocal que o alimento adquiriu ao longo da trajetória literária, as obras de literatura se erigem como um vasto manancial de saberes acerca da cultura alimentar. Através do viés literário, é possível explorar a essência gastronômica de nações, eras e tradições, sejam elas contíguas ou distantes da vivência do receptor do texto literário. Esta essência gastronômica desvela-se em múltiplas camadas, revelando aspectos tangíveis e intangíveis do convívio social, das celebrações festivas, das crenças e superstições arraigadas, dos rituais domésticos e de outros elementos inerentes à complexa tapeçaria da realidade representada na obra literária.

3.3 AS DELÍCIAS DO SEXO BANQUETE DA PORNOGRAFIA

A prática alimentar transcende a mera questão de subsistência ou biológica, assumindo também o caráter de uma fonte de deleite. A ingestão de alimentos e a atividade sexual figuram como pilares fundamentais e inalienáveis da existência humana, onde se entrelaçam escolhas não apenas relacionadas à nutrição ou à propagação da espécie, mas também ao alcance da satisfação sensorial e hedonista. É sabido que o ato de se alimentar implica não somente na

ingestão de nutrientes, mas também na partilha de experiências, sejam elas gratificantes ou não, em um contexto de convivialidade e interação social (HUNNT, 2000)

Diversas civilizações e comunidades delineiam de maneira singular essa interconexão entre alimento, prazer e atividade sexual. Os povos pertencentes à etnia indígena Caxinauá, situados no território do Acre, reverenciam o sexo como um nutriente vital para a sobrevivência, concebendo-o como uma substância que alimenta o corpo e o espírito. Nas suas reuniões gastronômicas coletivas, esses indivíduos ritualizam as refeições como uma celebração da vida, simbolizando a comunhão entre os participantes e a gratidão pelos dons da natureza (CASTRO, 2006)

Um aspecto de suma relevância consiste na inter-relação entre o coito e o sustento nas festividades de cunho lascivo da antiga Roma, nas quais o deleite era fomentado, seja nos ritos orgiásticos em honra a Baco – o deus do néctar báquico, regozijo e fecundidade aos olhos dos romanos –, onde se exaltava tanto a culinária quanto o congresso carnal como fontes de êxtase sensorial. Em outras regiões do globo, o ato de ingerir mantimentos adquire contornos de símbolo de prestígio e hierarquia, reservado exclusivamente à elite aristocrática, sendo a corpulência um privilégio ostentatório (BATAILLE, 2012).

Tomemos como exemplo os monarcas núbios, cuja convicção reside na premissa de que o avolumamento físico de seus descendentes incrementaria sobremaneira as perspectivas de perenidade do império. A ingestão de alimentos exerce um impacto direto sobre a fertilidade, o desempenho erético e a libido. Certos mantimentos exercem um papel preponderante na geração de neurotransmissores e hormônios correlacionados à sensação de eudemonia e deleite, além de exercerem influência sobre o regular funcionamento dos órgãos genitais. Não é por acaso que Sigmund Freud, o progenitor da psicanálise, ao analisar o caso do *Homem dos Lobos* (1918), observa que nossa própria linguagem retém vestígios da fase oral e da culinária, como exemplificado quando, nos encontros amorosos, nos referimos ao parceiro como 'saboroso', 'meu doce', 'ele foi devorado', 'ela foi comida'. Nesse contexto, a psicologia da vida amorosa conserva tais reminiscências eróticas, transformando-se em um verdadeiro festim de prazeres (FREUD, 2010 [1918]).

4 AS VITUALHAS AGRIDOCES DO SEXO EM *DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS*, DE JORGE AMADO

4.1 A ESTÉTICA LITERÁRIA DE JORGE AMADO

O eminente literato Jorge Amado inscreve-se nos anais da história como um proeminente escritor brasileiro, cujo berço foi abençoado pelas águas do rio das palmeiras, Itabuna, tendo vindo ao mundo em um auspicioso dia 10 de agosto do ano de 1912. Esse notável romancista, dotado de incomensurável talento, frequentou os bancos acadêmicos da Faculdade de Direito na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro, embora tenha optado por não trilhar os caminhos da advocacia. Por razões de ordem política, viu-se compelido a desbravar terras estrangeiras durante um lapso temporal, onde a sua genialidade literária resplandeceu nos quatro cantos do mundo, arrebatando corações e mentes com as suas obras magistrais.

Membro eminente da Geração de 1930, a qual marcou época no panorama do modernismo brasileiro, as narrativas do ilustre Amado reverenciam as raízes culturais e proferem uma análise arguta das vicissitudes sociopolíticas. Destaca-se, entre suas obras-primas, o célebre romance *Gabriela, cravo e canela* (1958), que inscreveu indelevelmente o nome do autor no panteão dos imortais literatos. O transcurso de sua existência terrena encerrou-se no dia 6 de agosto do ano de 2001, na esplendorosa Salvador, deixando para a posteridade um legado literário inestimável.

Em 1931, irrompeu no cenário literário com o fulgurante romance *O país do carnaval*, inaugurando uma trajetória literária vertiginosa de sucesso retumbante e de premiações. Em solo carioca, no ano de 1935, alçou-se ao patamar de bacharel em Direito. Alinhado às ideologias comunistas, foi alvo das garras da repressão, tendo seus escritos imolados em praça pública e, por conseguinte, enclausurado sob a égide do Estado Novo. Engendrando artimanhas para escapar à perseguição inclemente, refugiou-se nos confins da Argentina e do Uruguai durante os idos de 1941 e 1942, até retornar ao solo pátrio, onde se viu, novamente, encurralado pelas forças repressoras. Após recobrar a liberdade, permaneceu sob a constante vigilância do olhar inquisidor do regime.

Nos escritos de Jorge Amado, a gastronomia assume uma posição proeminente, adquirindo relevância substancial em certos enredos. As vívidas e

exuberantes narrativas de Gilberto Freyre reverberam de maneira eloquente em obras emblemáticas como *Gabriela, cravo e canela*, cuja figura da migrante nordestina, desbravadora de novos horizontes ao chegar a Ilhéus, emerge como uma exímia cozinheira, cativando assim o coração de seu empregador, o carismático Nacib: “ainda maior, de acarajés, abarás, bolinhos de bacalhau, frigideiras” (AMADO, 2012, p. 153). O estabelecimento gastronômico Vesúvio floresce sob os encantos culinários meticulosamente preparados por Gabriela, enquanto seu proprietário, o senhor Nacib, sucumbe aos encantos da jovem morena, cuja tonalidade é tão rica quanto a canela e cujo aroma remete ao cravo, enaltecendo assim os sabores palacianos da comida servida, e por conseguinte, tornando os deleites do leito conjugal tão satisfatórios quanto os manjares à mesa.

Na trama literária em questão, deflagra-se uma disputa acirrada entre os sabores típicos da culinária baiana e os refinamentos da culinária internacional, personificados pelo experiente *chef-de-cuisine* incumbido de assumir as rédeas da cozinha do estabelecimento após o término do matrimônio entre Gabriela e Nacib. O forasteiro culinário, audacioso em suas incursões, atreveu-se a tecer considerações críticas em relação aos métodos e práticas culinárias vigentes, desencadeando, assim, um conflito de proporções épicas: “as comidas baianas, indignas, segundo ele, de estômagos delicados.” (AMADO, 2012, p. 340). A fragilidade de sua faceta cosmopolita é evidenciada pela sua incapacidade de desfrutar das iguarias regionais. Contrapondo-se a essa visão, tanto o narrador quanto os personagens nativos da Bahia adotam uma postura menos dogmática: embora não desconsiderem por completo as criações gastronômicas do forasteiro, exaltam fervorosamente a riqueza e a singularidade da culinária local: “Não é que fosse má a comida, não era. Como compará-la, porém, com os pratos da terra, temperados, cheirosos, picantes, coloridos?” (AMADO, 2012, p. 340)

A perícia culinária de Gabriela, aliada à sua destreza em desfrutar dos prazeres carnavais ao compartilhar momentos íntimos com Nacib ou outros jovens de notória beleza, constitui um quadro de perfeição inigualável. Destaca-se, entretanto, a inabalável integridade moral de Gabriela, que se recusa veementemente a ceder aos desejos de velhos latifundiários que almejam subjugar-lá a uma posição social vantajosa. Para Gabriela, a verdadeira felicidade reside na plenitude de sua liberdade individual. Tal postura é coerentemente

mantida ao longo da narrativa: da mesma forma que ela opta por libertar o pássaro oferecido por Nacib, preferindo que ele voe livremente e cante sob o sol, ela também prefere se envolver nas celebrações populares, sejam elas profanas ou religiosas, desfrutar da simplicidade ao caminhar descalça e apreciar o entretenimento proporcionado pelo circo.

A união conjugal com Nacib implica em imposições sociais que demandam conformidade, como o uso de trajes apropriados, o calçar de sapatos e a participação em eventos monótonos e enfadonhos, sendo, portanto, uma condição desfavorável para ela. Nacib, embora não veja em Gabriela as características ideais de uma esposa burguesa, encontra-se numa encruzilhada, pois não pode prescindir nem da competência culinária da moça, nem da presença como amante, o que ocasiona uma hesitação persistente ao longo de toda a narrativa:

E como iria continuar o bar sem os doces e os salgados de Gabriela, sem o seu sorriso diário, sua momentânea presença ao meio-dia? E como iria ele viver sem o almoço e o jantar de Gabriela, os pratos perfumados, os molhos escuros de pimenta, os cuscuz de manhã? E como viver sem ela, sem seu riso tímido e claro, sua cor queimada de canela, seu perfume de cravo, seu calor, seu abandono, sua voz a dizer-lhe 'moço bonito', o morrer noturno nos seus braços, aquele calor do seio, fogueira de pernas, como? E sentiu então a significação de Gabriela. (AMADO, 2012, p. 167)

Assim como Gabriela, a personagem principal de *Dona Flor e seus dois maridos* também amalgama as virtudes de exímia cozinheira e um objeto amoroso sedutor, com a sua exuberância erótica. São mulheres dotadas de uma vigorosa vitalidade, ansiosas por oferecer e desfrutar dos deleites carnis, sem qualquer resquício de hipocrisia ou falsa pudicícia. Em suma, nos seus escritos ficcionais, a dinâmica é similar, com as mulheres assumindo a incumbência da culinária, verdadeiras sacerdotisas dos fogões e fornos, enquanto os varões se regalam com os manjares e quitutes preparados pelas mãos femininas. Os deleites da mesa transcendem para os leitões, em um arranjo onde o sensualismo e a sexualidade se entrelaçam, acompanhados pelo apreço pela bebida e pela eloquência verbal, juntamente com a propagação do riso e da jovialidade, tudo sem abdicar da essência de um sagrado afro-brasileiro que não estabelece distinção entre o

corpóreo e o espiritual. Eis aqui o universo retratado nos romances de Jorge Amado, no qual o erotismo e a arte culinária se entrelaçam em uma simbiose indissolúvel.

4.2 GLUTONARIAS DO DESEJO: MANJARES DO SEXO DEGLUTIDOS EM *DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS*, DE JORGE AMADO

Publicado no mês de maio do ano de 1966, sob os auspícios da prestigiosa Livraria Martins, o célebre romance intitulado *Dona Flor e seus dois maridos* prorrompe-se como uma síntese magistral das vicissitudes sociais, delineando os contornos de um intricado triângulo amoroso protagonizado pela encantadora e virtuosa Florípedes Paiva, eminente mestra dos segredos culinários, e seus dilemáticos pretendentes, Vadinho e Teodoro, cuja narrativa se desdobra em uma trama intrincada, onde se entretecem os fios da paixão, da desilusão e da busca incessante pela felicidade, mergulhando, assim, nas profundezas da alma humana em sua constante luta para encontrar sentido e plenitude no seio de um matrimônio convencional.

O êxito fulgurante alcançado com sua publicação inaugural reverberou nos âmbitos cinematográfico, teatral e televisivo, dando origem a adaptações magistrais que capturaram a essência pulsante da obra original, enriquecendo o panorama cultural com suas múltiplas facetas e abrindo as portas para um vasto horizonte de traduções que expandiram as fronteiras desta narrativa singular para além das fronteiras geográficas e linguísticas.

Situado nos meandros da Zona do Recôncavo, nos rincões pitorescos de Salvador, desdobra-se o enredo fascinante deste romance, cujo prólogo se desenrola sob a sombra do passamento do emblemático Vadinho, primogênito esposo da insigne Dona Flor, perecendo em meio aos fervores do carnaval de rua, trajando os atavios de uma baiana. Vadinho, o dândi insigne, se immortaliza pela aura de um diletante, mergulhado nos sortilégios dos jogos, dos licores e dos encantos femininos, personificando o arquétipo do boêmio inefável.

O vínculo ardente entre Vadinho e Dona Flor se tecia em teias de paixão vertiginosa, em um mosaico de erotismo febril que arrebatava os sentidos, ainda que permeado pelas sombras da incerteza e da inconstância, que as agruras da vida noturna insinuam, jamais logrando Dona Flor se furtar às seduções do

amante, cedendo, invariavelmente, aos ímpetos de cada encontro: “jamais conseguira recusar-se a seu fascínio nem mesmo se a tanto se dispunha cheia de indignação e de raivas recentes. Pois, em repetidas ocasiões, chegara a odiá-lo e a arrenegar o dia em que unira sua sorte à do boêmio” (AMADO, 2008, p. 24).

As reminiscências que delineiam a saga de Vadinho são evocadas durante os solenes rituais fúnebres por aqueles que partilharam de sua convivência, reverberando posteriormente no âmago de Dona Flor, que, mergulhada no oceano do luto, revive em sua mente as imagens e os momentos compartilhados ao lado do finado. Através dos discursos e das manifestações de pesar que ecoam em torno do defunto, desvela-se uma dicotomia latente em relação ao perfil do malandro: ora idolatrado, ora execrado, revelando um movimento pendular entre o amor e o ódio que permeia as percepções e os sentimentos dos que o conheceram.

Na fase subsequente da narrativa, Dona Flor, ainda imersa em melancolia e resistente às manifestações amorosas, depara-se com o boticário Teodoro Madureira, um indivíduo íntegro com quem ela celebra uma nova união conjugal. Durante seu elo matrimonial com o boticário Teodoro, Dona Flor descobre a harmonia conjugal, a estabilidade habitacional e material, além da vivência de um afeto orquestrado.

Ao adquirir a compostura ausente em sua anterior união, a mestra da gastronomia confronta-se com outra aflição desencadeada pela carência do ímpeto amoroso que predominava no relacionamento pretérito, culminando num ímpeto evocativo da presença do finado Vadinho para junto de si novamente. Inicialmente, tal regresso mostra-se ineficaz em reconciliar os conflitos íntimos de Dona Flor, desencadeando um embate sensual que a conduz às intervenções das divindades do panteão afro-brasileiro.

Posteriormente, no quarto capítulo, durante a fase de lua de mel, Dona Flor percebe uma disparidade marcante entre Teodoro e Vadinho numa ubiquidade de semblantes, posto que Teodoro encarna todas as qualidades que uma mulher idealizaria em um consorte: erudição, fidelidade e intelectualidade. Nesse contexto, a jovem experimenta uma serenidade inefável. No dia do jubileu nupcial, após o desfrute dos requintados petiscos preparados por Dona Flor, Vadinho

emerge dos reinos do além, completamente desprovido de vestes, defronte a Dona Flor – que se nega a acolhê-lo, pois é leal ao seu esposo virtuoso.

Em suma, é possível discernir que Dona Flor se encontra imersa em um intrincado triângulo afetivo, no qual figura seu finado cônjuge inaugural, Vadinho, caracterizado por uma inclinação hedonista, desonestidade e aversão ao labor, contrastando com seu segundo consorte, Teodoro, cujo perfil se pauta pela diligência, devoção religiosa, afeição e um zelo inabalável pelos preceitos éticos e morais. Diante deste cenário, a protagonista se vê assoberbada por dilemas morais e uma complexa tessitura de sentimentos ambíguos, que afloram em relação aos seus dois consortes: “o coração contém de uma só vez, dois sentimentos, controversos e opostos” (AMADO, 2000, p. 424). Assolada pela perplexidade, Dona Flor alcançou a inferência de que cada qual a suplementava de forma distinta, o que a levou a deliberar por uma existência imersa em um triângulo amoroso, ainda que este se manifestasse no domínio fantasístico.

A relação com os falecidos transcende os limites normativos da ordem natural e escapa ao escrutínio das concepções humanas. A circunstância de Dona Flor nutrir um vínculo afetivo com um ser destituído de corpo físico a eximia de qualquer acusação relacionada à infidelidade conjugal. Unicamente ela e o espírito falecido detinham pleno conhecimento dos enlaces sublimados que se desdobravam em seu convívio. No domínio inexplorado do sobrenatural, as leis regentes se metamorfoseiam, embora Dona Flor resistisse, com tenacidade, aos atrativos desvelados pelo ser desencarnado: “Estava decidida: não lhe permitiria mais intimidades, nem abraços, nem os tais beijos inocentes, nem que junto a ela se estirasse para conversar melhor. Era uma mulher honesta, uma esposa séria” (AMADO, 2000, p. 386).

Florípedes, cujo epíteto “Flor” é comumente utilizado, Valdomiro, cognominado “Vadinho”, e Teodoro, cujo nome evoca a etimologia do verbo “teodorar” segundo a concepção de Manuel Bandeira, engendram o triângulo afetivo central nesta narrativa brasileira com uma pincelada de realismo mágico. Com efeito, as linhas divisórias entre realidade e fantasia, sagrado e profano, ordem e caos, diluem-se, forjando um panorama interrelacional no qual as personas retratam de maneira festiva a sinuosidade social brasileira. Após o trânsito do marido Vadinho, popularmente associado à vocação de “vadio”, a

consorte Dona Flor submete-se aos galanteios do farmacêutico Dr. Teodoro, com quem formaliza a união matrimonial.

Não demanda longo período para que Dona Flor confidencie ao sacerdote seus anseios femininos e sua parcial insatisfação com a recente união matrimonial, motivando-a a suplicar aos Orixás o retorno do astuto e apaixonado Vadinho. Ao desfecho, como desdobramento do sincretismo afro-brasileiro, Dona Flor passa a compartilhar não apenas seu corpo, mas também sua essência espiritual entre os dois cônjuges. Se considerarmos a saga de Dona Flor como uma representação dos embates enfrentados pela mulher dentro do contexto patriarcal brasileiro, podemos interpretá-la como um ícone do “empoderamento dos oprimidos”. Tal caracterização remete-nos não somente a Dona Flor, mas a outras figuras literárias emblemáticas, a exemplo de Bertoleza, protagonista de *O Cortiço* (1890), obra magistral de Aluísio Azevedo.

Posto isso, aludimos às representações que a análise sociológica identificou como a “mulata cordial” na lírica romântica do Brasil, haja vista que sublinha a concepção da mulher como objeto de desejo a ser 'consumido', contudo, apta a reverter a dinâmica de poder através do jogo da sedução e de uma eventual “antropofagia cordial”. Desse modo, é perceptível que a figura da mulata, predominantemente presente na poesia romântica, exhibe essas características ambíguas, mutáveis e inconstantes.

Ela opera de forma híbrida, considerando sua identidade racial e sua duplicidade intrínseca, permitindo-lhe transitar socialmente desde que mantenha sua dualidade de caráter. Ao manter-se jovial e astuta, é capaz de, mediante sua submissão maleável, metamorfosear-se de subjugada a regente. E, então, ocorre a confluência entre a submissão e a sedução, posto que seria viável, inclusive, estabelecer uma analogia entre essa peculiaridade da mestiça e o que, nos domínios da ciência social, desde as análises de Sérgio Buarque de Hollanda, tem sido denominado como o “ser humano cordial”. Esta representação feminina, delineada em diversos versos do período romântico (e na produção musical contemporânea), pode ser considerada uma “dama cordial”.

A Dona Flor, dotada de uma eminente capacidade de mediação, assume uma posição intersticial entre seus cônjuges, cada um dos quais personificando os extremos diametralmente opostos do contínuo social. Vadinho, por um lado,

encarna a astúcia, erguendo-se como um ardente defensor da libertinagem, epitomizando, assim, a marginalidade da sociedade, a esfera habitada pelos boêmios e por cortesãos. Seu modo de agir e seu padrão de vida representam uma rejeição explícita dos valores arraigados na estrutura social convencional, os quais se fundamentam no labor incansável e na dedicação ao lar, conferindo-lhe, por conseguinte, uma encarnação legítima da luxúria.

O eminente Doutor Teodoro, um erudito na ciência farmacêutica, esposo dedicado e de temperamento circunspecto, personifica o âmago sóbrio da sociedade, ainda que desprovido de carisma ou amabilidade magnética. Em meio a este complexo panorama social, ergue-se Dona Flor, entrelaçando, ou melhor, tecendo uma intrincada rede de interações entre distintos sistemas culturais e conjuntos de valores, conferindo-lhe a habilidade singular de se “transmutar” e, assim, adotar uma variedade de papéis.

Eis aqui a perspicácia da intermediação das mestras culinárias em destaque, que se apresenta como um fenômeno multifacetado, revelando não apenas habilidades culinárias, mas também uma dinâmica intrínseca de interação social e simbólica. Dona Flor emerge concomitantemente como preceptora da arte gastronômica e objeto de atração masculina, estabelecendo uma relação complexa entre os domínios do conhecimento prático e do desejo humano. Neste contexto, a concepção relativa à lascívia penetra no âmbito da culinária e, por decorrência, na esfera da transcendência, delineando uma interseção singular entre os apetites sensoriais e as aspirações espirituais.

No seio da tradição afro-brasileira, a demarcação entre corporeidade e espiritualidade, matéria e alma, o divino e o terreno, e, por derradeiro, entre o desejo carnal e a nutrição, não se delineia de forma tão nitidamente discernível como na concepção religiosa cristã (seja católica ou protestante), onde o modelo dualista característico das sociedades anglo-saxãs se sobrepõe à cultura do sincretismo, impondo uma dicotomia rígida que contrasta com a fluidez e a sinergia presentes na cosmovisão afro-brasileira.

Na esfera do candomblé e outras doutrinas religiosas de ascendência afro-brasileira, o cosmos se estrutura em consonância com uma ordem cosmológica complexa, na qual os seres humanos, os seres animais, as florações e os entes etéreos, cada um assumem um matiz de “entidade”, entrelaçando-se em um

sistema mais vasto de interações sociais. É precisamente essa perspectiva cosmológica que nos facultar enxergar Dona Flor como um epicentro de múltiplas vinculações, posicionada no epicentro das tramas entre intelectuais e libertinos, a harmonia e a turbulência, indivíduos e personalidades, maternidade e devassidão, virtude e transgressão. É nesse contexto que se torna exequível desvelar as entrelaçadas relações entre alimentação, erotismo e transcendência no mosaico relacional de *Dona Flor e seus dois maridos*.

Por meio da exegese da obra literária em questão, emerge inequivocamente a perceptível tendência de que a conquista dos pretendentes de Dona Flor será essencialmente mediada pela culinária, dada a sua proficiência neste âmbito gastronômico. De mais a mais, a arte culinária ocupa uma posição saliente na trama, desvendando intrincadas facetas das relações conjugais e das posições sociais ocupadas pelos sujeitos envolvidos nesse enredo: a feminilidade se apresenta como uma força sedutora, perspicaz e maquiavélica, ao passo que a masculinidade é retratada como um ente suscetível à sedução, viril e facilmente manipulável.

Por conseguinte, evidencia-se a imersão desses personagens em um contexto impregnado pelo discurso machista, cuja representação é magistralmente elaborada de maneira satírica e irônica, desvelando as subcamadas dos valores ideológicos que permeiam a tessitura social. Neste contexto, a mulher é frequentemente relegada ao estatuto de objeto de desejo, refletindo, assim, a configuração patriarcal que ainda subjaz em muitos estratos societários.

Na estética amadiana, as práticas relacionadas ao âmbito visceral — tanto as de natureza sexual quanto as digestivas — são escancaradas sem o artifício do pudor hipócrita da classe burguesa. O consumo de bebidas alcoólicas atua como um catalisador para desinibir a fala, libertar as emoções e obliterar as agruras do cotidiano árduo. Assim, é nos bares, mercados, cais, vias públicas e, em última instância, nas praças, que o desdobramento dos acontecimentos se desenrola. Não se trata, portanto, do confinamento ao âmbito doméstico, onde são exploradas as aspirações dos arrivistas, os casos amorosos ilícitos, os embates de classes e a psicologia dos protagonistas. Aqui, é a pulsante vida

popular que irrompe, manifestando-se em sua pluralidade de expressões culturais, frequentemente subestimadas no lastro societário.

A expressão culinária presente na narrativa de Dona Flor se apresenta como uma intrincada teia que vincula indissolavelmente a edificação da identidade cultural baiana, a profusão da miscigenação étnica e os toques de jocosidade intrínsecos ao enredo romanesco. No próêmio do relato, deparamo-nos com uma missiva epistolar redigida pela própria Dona Flor, na qual entrelaça habilmente elementos gastronômicos à sua personalidade multifacetada e à sua dualidade matrimonial.

O emblemático manjar de mandioca, cuja receita a protagonista alega ter dominado com a mesma maestria com que aprendeu a amar e a subsistir, revela prenúncios da significativa relevância que os ingredientes da culinária baiana desempenharão na tessitura da narrativa. A manifestação culinária de Dona Flor surge como um fidedigno reflexo da profunda riqueza cultural do povo baiano, transportando consigo, de maneira intrínseca, os valores e saberes arraigados na tradição regional. Ao ser examinada sob o prisma gastronômico, tal cultura revela-se como parte inalienável do patrimônio imaterial dos povos, um tesouro a ser zelosamente preservado e reverenciado.

A culinária baiana se caracteriza de forma intrínseca pela influência dos produtos alimentícios e pela exuberância dos sabores de herança africana, manifestando-se de maneira proeminente na cosmopolita Salvador, epicentro cultural e gastronômico da região. O conceito de “gastronomia” na Bahia, em sua especificidade, evoca reminiscências de especiarias como a pimenta, a canela, a noz-moscada, o cravo e o gengibre.

Na tradição culinária da porção meridional do estado, observamos a assídua incorporação do cravo e da canela em preparações que remontam a tempos ancestrais, tais como os exóticos mingaus de puba, tapioca, mungunzá e xerém, testemunhando a persistência da influência dos povos indígenas nos rituais alimentares locais e regionais. Os petiscos e compotas elaborados, em conformidade com as receitas tradicionais, exemplificados pelos suntuosos doces de banana, caju, jaca, bem como o creme de abacate, divinamente apreciado na região, personificam autenticamente o legado imemorial incorporado à rica tradição culinária da Bahia.

As alternativas se diversificam quando vislumbra-se os víveres que integram os pratos principais nas refeições da localidade, no contexto das iguarias salgadas, pescados e crustáceos, além de caças e carnes como o bacalhau, o preparo consagrado como ensopado, que compreende vegetais, hortaliças, carne de bacalhau e outras carnes, assim como o frango ao molho pardo, são parte integrante dos costumes alimentares baianos e são apresentados nos menus de estabelecimentos gastronômicos e alojamentos, os quais apresentam a culinária regional e despertam a curiosidade do forasteiro ou viajante que ainda não teve o prazer de degustar tais iguarias. O romance, em seu lastro, inclui quatro receitas ao total, as quais são mencionadas por Dona Flor ao longo da obra e no início de cada capítulo, a saber: Bolo de mandioca, Moqueca de caranguejo, Tartaruga Ensopada e Vatapá de Peixe ou de Galinha.

Neste contexto, Dona Flor e seus dois cônjuges possuem algumas técnicas da culinária típica da Bahia, sobretudo porque a personagem principal atua como professora na 'Sabor e Arte'. Anteriormente ao início da trama propriamente dita, as fronteiras entre o concreto e o imaginário se esvaem quando a protagonista, Dona Flor, encaminha uma correspondência a Jorge Amado, compartilhando com ele a formulação do bolo de puba ou carimã (AMADO, 2008). Nesse ínterim, Dona Flor ultrapassa as barreiras fictícias ao enviar para Jorge Amado a metodologia de seu famoso bolo de puba, logo nos primeiros parágrafos do romance.

Na mensagem endereçada ao ilustre romancista, Flor anota: "Até eles dois, tão diferentes, só nisso combinando: doidos por bolo de puba ou carimã. Por outra coisa também? Me deixe em paz, seu Jorge, não me arrelie nem fale nisso" (AMADO, 2008, p. 15). Esse trecho antecipa ao leitor a discrepância de temperamento entre os consortes da protagonista, ao passo que a retrata como uma iguaria pela qual ambos cônjuges nutriam uma irresistível atração. Tal artifício será empregado em outras elaborações culinárias ao longo da narrativa, onde a mestra da culinária e os pratos por ela preparados parecem amalgamar-se, ensejando numa ambígua e sensual interconexão. No enredo, outras receitas são introduzidas, incluindo a renomada moqueca de siri mole, predileta de Vadinho (AMADO, 2008).

A narrativa intitulada poderia ser apreciada como um compêndio culinário da região baiana, caso seja investigada sob a ótica da gastronomia e da enologia,

pois, além de prover receitas autênticas e exequíveis, também desvela os hábitos alimentares peculiares do território baiano. Sobressaem-se nesses costumes a prática de ofertar víveres durante os rituais de vigília e luto, bem como a intrincada interligação entre as iguarias do culto afro-brasileiro e as entidades divinas, delineando os pratos de predileção de cada orixá e os alimentos reputados como infortúnio: “para a guerreira que não teme a morte nem os eguns, para Yansã, não ofereçam abóbora, não lhe deem alface ou sapoti, ela come acarajé” (AMADO, 2008, p. 366).

Por uma ótica diferente, o compêndio igualmente guarda uma receita culinária que Dona Flor elaborou em reverência aos Orixás. Além disso, nesse contexto particular, na narrativa, as elaborações relacionadas à alimentação ritualística são delineadas pela protagonista como a derradeira e decisiva orientação culinária, estabelecendo os víveres e interdições de cada divindade. Nesse renomado romance, desvenda-se uma trama amorosa que desmascara os princípios de uma sociedade tradicional, misógina e patriarcal.

As satisfações terrenas, entrelaçadas ao erotismo e à arte culinária, mesclam-se ao sobrenatural, pois nem mesmo a morte mostrou-se capaz de aniquilar os desejos sexuais. Dessa maneira, a urbe de Salvador é retratada com matizes, aromas e gostos; a história destaca a folia carnavalesca, o batuque e o regozijo do povo baiano. Ademais, salienta a culinária nordestina como elemento primordial da identidade cultural baiana que permeia toda a trama do romance, delineando a arte culinária baiana.

Por meio deste panorama, Dona Flor emerge como portadora de atributos excepcionais, quase sobrenaturais, ao evidenciar maestria na arte culinária, nos enigmas da cozinha e nos segredos do prazer. Assim como várias figuras marginais (feiticeiros, entidades monstruosas, artistas circenses e outros), as cozinheiras também manipulam os elementos naturais e culturais; sua eficácia transcende a simples convicção das pessoas em suas habilidades artísticas e/ou poderes mágicos, residindo em sua capacidade de tornar a magia uma realidade. A alimentação surge como uma metáfora emblemática dessa magia, ora incentivando a comunhão entre os indivíduos ora facilitando a subversão das interações sociais.

Desta feita, emerge a interconexão inextricável entre a libido de Dona Flor e o paladar, a qual se revela como um fio condutor pulsante. Para Vadinho, Dona Flor personifica a própria essência culinária, tornando-se uma alegoria viva da iguaria que ele tão avidamente degusta. Desse modo, Dona Flor se apresenta como uma dualidade complexa, desempenhando simultaneamente o papel de cozinheira exímia e o de “manjar” apreciado – e devorado – por seus dois esposos. Contudo, cumpre investigar que a própria Dona Flor é a grande regente desse triângulo, visto que administra ambos os consortes, utilizando-se para o seu ‘prato principal’.

Enquanto uma mestra culinária consumada, Flor também emprega os dois homens como ingredientes, a fim de compor o banquete de seus desejos. Eis, pois, a potência de Dona Flor que não se subjugua pela tutela do sistema patriarca. Nesse banquete existencial, a disparidade social se erige como um divisor entre os compartimentos da intimidade sexual de Dona Flor, e o Dr. Teodoro, com sua imersão na rigidez formal do mundo científico, se manifesta como um símbolo de descontentamento carnal para Dona Flor, ecoando o vazio que a acomete. Não é à toa que Dona Flor clama aos Orixás pela ressurreição de seu amante Vadinho, pois este, como verdadeiro epicurista, domina seu corpo com a finesse de um *gourmand*.

A corporalidade, na qualidade de linguagem simbólica que denota um arranjo de representações e de postura física, revela-se como um instrumento privilegiado para se compreender a essência das interações sociais no desdobramento do processo de construção das identidades (de gênero) das personagens em análise. A interligação entre alimentação e sexualidade em Dona Flor e seus dois companheiros se torna patente em diversas ocasiões em que Vadinho associa o corpo da protagonista à própria culinária.

Giard (2011) ressalta a estreita ligação entre o ato de alimentar-se e as práticas afetivas, haja vista que os indivíduos se nutrem através da cavidade bucal, região anatômica cujos elementos e funcionalidades desempenham um papel significativo na dinâmica amorosa. Nessa perspectiva, preparar alimentos constitui uma das artes da conquista, dado que, conforme expressa o provérbio popular, tais artimanhas visam a “capturar o cônjuge pelo estômago”. Compartilhar uma refeição deliciosa, nesse contexto, configura-se como um

aspecto do prazer sensorial, o qual pavimenta o caminho para outros momentos ainda mais “dulcificados” ou “temperados”. O parceiro frequentemente é associado a determinados manjares, tais como “meu docinho”, “minha gostosura”. Na ausência e/ou saudade, a carência se manifesta como uma “fome” pelo ser amado; isto é, no jogo da atração, cada um “devora” o outro com os olhos. Em síntese, as analogias culinárias no jogo do amor são ubíquas e integram-se ao nosso cotidiana. No romance, por exemplo, Valdinho endereça-se, amiúde, a Flor, recorrendo a metáforas alimentícias:

“meu manuê de milho verde, meu acarajé cheiroso, minha franguinha gorda” e outras variações; designá-la como comida saborosa dá a dimensão da relação física entre dois amantes que nem a morte conseguirá separar. Segundo o narrador do romance, essas “comparações gastronômicas davam justa ideia de certo encanto sensual e caseiro de dona Flor” (AMADO, 2008, p. 16).

A correlação entre a arte culinária e a sedução erótica manifesta-se igualmente na sagacidade verbal de Vadinho ao entrelaçar o título da instituição educacional, Escola Sabor e Arte, com o viés sensorial e erótico implícito na própria palavra “sabor”. Tal astúcia linguística não apenas denota uma perspicácia semântica aguçada, mas também ilustra a sinergia entre os domínios gastronômico e amoroso, os quais, embora distintos em sua manifestação, convergem numa harmonia intrincada de prazer sensorial e estímulo intelectual: “quero saborear-te” (AMADO, 2008, p. 79). Por outro prisma, os dois protagonistas - Flor e Vadinho - encontram-se em uma simbiose na alcova; enquanto ela representa a culinária, ele personifica a libação. Ou seja, se Flor ora expressa-se como um manjar, Valdinho, por seu turno, o licor: “A presença noturna de Vadinho a embriagava, vinho de buquê inebriante, como resistir à sedução de sua boca de palavras e língua?” (AMADO, 2008, p. 102).

Não à toa, dado o falecimento precoce de Vadinho no limiar da trama, durante o fervor do carnaval, há uma explícita delineação dos quitutes funéreos; as iguarias apresentam variações de acordo com as nuances das classes sociais, todavia, é imperativo a presença etílica: “Velório sem cachaça é desconsideração ao falecido, significa indiferença e desamor” (AMADO, 2008, p. 12). Após o decesso de Vadinho, Dona Flor transita por um lapso temporal de desolação. Em

um trecho no qual se avulta a descrição de 'cágado guisado e outras iguarias insólitas', após a menção dos manjares exóticos, o narrador tangencia uma iguaria de ainda maior requinte, 'o apogeu, a deleitação dos seres divinos', que se manifesta na forma do manjar erótico personificado por Dona Flor: “porque então não lhe servir uma viúva, bonita e moça, cozinhada em suas lágrimas de nojo e solidão, no molho de seu recato e luto, nos ais de sua carência, no fogo de seu desejo proibido, que lhe dá gosto de culpa e pecado?” (AMADO, 2008, p. 167).

Desde os primórdios do século XVIII, quando irrompeu o conceito de culinária refinada, as damas foram excluídas dos pomposos festins e estabelecimentos gastronômicos, relegadas à margem por serem consideradas dóceis e destituídas de inventividade culinária. Dado o cenário que Jorge Amado retrata, impregnado de matizes populares, é às mulheres que recai o múnus da culinária. Em *Gabriela, cravo e canela*, o único cozinheiro que arvora sua destreza gastronômica é objeto de escárnio tanto por parte do narrador quanto dos demais personagens, sendo compelido a abandonar a urbe para que Gabriela reassuma o controle dos fogões em seu conúbio com Nacib. Contudo, não basta tão somente possuir o domínio das receitas. O êxito alcançado por Gabriela ratifica a complexidade subjacente à gastronomia: “culinária é uma arte [que] exige não só conhecimentos como, antes de tudo, vocação” (AMADO, 2008a, p. 335). Desse modo, os manjares preparados por Gabriela constituem vitualhas corpóreas, iguarias do desejo e aperitivos da memória: “*poemas* de camarão, de peixes e leite de coco, de carnes e pimenta” (AMADO, 2008, p. 341).

Considerando que Dona Flor emerge como uma entidade que transcende os limites convencionais da arte culinária diária e se erige como uma virtuosa da gastronomia profissional, seria injusto limitar a apreciação das iguarias por ela confeccionadas a uma única esfera de atratividade. Na sua condição de mentora na nobre arte da culinária, Dona Flor não se contenta meramente em enriquecer o seu próprio acervo gastronômico com banquetes vigorosos, mas almeja, além disso, prover seus leitores com generosas instruções culinárias. Diante deste pano de fundo, delinea-se como desígnio central desta análise a busca por perscrutações interpretativas inovadoras que reformulem a interação entre a

mulher e a gastronomia, explorando seus desdobramentos e a copiosa tessitura de significantes culturais que permeiam as iguarias retratadas nestas narrativas.

No transcorrer da narrativa, despontam uma plêiade de conflitos inter-relacionais, todos entrelaçados com preciosas instruções culinárias que imergem o leitor nas sutilezas gastronômicas caracterizadoras do universo baiano, conforme retratado na obra magistral de Jorge Amado. Eis os manjares e néctares apropriados para cerimônias lúgubres, pressagiando o desenlace funesto de Vadinho ao leitor perspicaz. O derradeiro, e de inestimável relevância, embate se prorrompe, para Dona Flor, à medida que ela se envolve numa esfera de desilusão em relação ao seu segundo consorte, face à carência da libido lasciva que outrora experimentara em suas núpcias pregressas. A declaração de sua insatisfação não se desvela por intermédio das elucubrações culinárias, entretanto, demandando expressão de algum modo, acarreta na ressurreição de Vadinho dos confins do além.

A gastronomia cerimonial e os desafios defrontados pelas divindades que regem as existências das três figuras primordiais do enredo culminam na explanação da subjetividade desses seres, desnudando, assim, as nuances de complexidade afetiva que permeiam a trama romanesca. Teodoro, sob o patrocínio de um orixá imbuído de severidade e preceitos éticos inflexíveis, personifica a justiça corporificada, cujos parâmetros delimitam com precisão os confins entre o lícito e o ilícito. As restrições dirigidas aos elementos que conferem paladar às iguarias culinárias – condimentos, sal e óleo – se erigem como alegorias eloquentes da dinâmica marital que o cônjuge proporciona a Dona Flor.

Entretanto, a guia das habilidades culinárias é influenciada pela generosa interferência de Oxum, a divindade que encarna a formosura e o afeto, atributos que emana em profusão. Enquanto isso, Vadinho, sob a tutela de Exu, simboliza o monarca da boemia que ultrapassa as fronteiras entre os reinos tangível e etéreo, personificando, desse modo, o espírito libertário e insurgente que atravessa os domínios físicos e espirituais, personificando o arquétipo do ser celeste renegado que desafia as normas e transita entre os limites dos planos existenciais.

A doutrina referente aos manjares e impedimentos estabelecidos pelas divindades celestiais antevê o último e inexorável confronto do enredo, desdobrado entre as entidades divinas numa contenda pela permanência ou ausência de Vadinho no lastro terreno: “Os orixás em fúria, todos reunidos do mesmo lado, completos em suas espécies e nações; do outro lado, Exu, a sustentar sozinho aquele egun rebelde” (AMADO, 2008, p. 386). Trata-se do clamor aflitivo de uma atribulada Flor que põe fim ao enfrentamento divino e determina a continuidade terrena do falecido entre os seres humanos, resultando, assim, na convivência dos dois consortes ligados à persona de Dona Flor, esboçando e fortificando o triângulo derradeiro e inegável que encerra o enredo.

CONCLUSÃO

Durante as preliminares efetuadas, o vocábulo ininterruptamente se entremeia entre os dois seres empenhados na deglutição alimentar e na absorção de líquidos. A linguagem desempenha um papel afrodisíaco, aspirando rivalizar com o álcool que incendeia as membranas mucosas. São lexias que arrebatam, lexias que embriagam. Uma coalescência tanto alimentícia quanto linguística na qual se pressagia, de forma remota, a amalgamação dos corpos. Um espaço onde se anula a ameaça da libido, em que a bebida complementa a verborragia, e esta dá o prólogo para o ato sexual (CRUMPACKER, 2009).

Na lúcida encruzilhada do destino humano, irrefutável é o vínculo intrínseco que vincula a transubstanciação dos manjares à emergência da vitalidade, um índice manifesto das afinidades eletivas entre a locução e o contexto onde ela eclode, entre a nascente da água e aquela do calor incandescente do fogo, é na íntima câmara culinária que se consuma a transfiguração dos insumos. Entretanto, qual seria a justificativa, então, para o sexo estar intrinsecamente associada ao recinto culinário? Qual a razão subjacente ao apetite? Uma abordagem para compreender as interações entre sexualidade e nutrição reside na análise dos diversos tipos de eufemismo empregados por cada sociedade para retratar os atos sexuais; dentre esses, sem sombra de dúvida, a metáfora alimentícia assume uma posição preeminente (CASTRO, 2006).

A partir de tais ingredientes, debruçamo-nos sobre o célebre romance de Jorge Amado, *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), debruçando-se

especificamente sobre a categoria do erotismo/da pornografia e, a partir dessas erupções do corpo, o intercâmbio com a gastronomia e com a culinária. Vislumbramos que, ao longo da trama, as relações humanas – e sobretudo sexuais – são angariadas e outorgadas pela alimentação, seja para escancarar jogos de sedução seja para evidenciar determinadas características gastronômicas locais. Como Gabriela, personagem de outro romance do escritor baiano, que é *cravo e canela*, Dona Flor, uma exímia cozinheira, administra o triângulo amoroso com Teodoro e Vadinho, isto é, destila os ingredientes – a seu gosto e bel prazer –, conforme o seu paladar.

Na esfera semântica na qual nos situamos, os elementos constituintes, as artes culinárias, a disposição dos manjares, as proibições e preceitos, todos esses compõem os componentes de um sistema comunicativo intrincado. A confluência do sexo e da Gastronomia nos incita a refletir sobre o ponto de confluência do corpo no contexto onde se desdobram as mais corriqueiras trocas simbólicas entre os seres humanos: a cozinha. Este espaço polifacetado se desvela como um campo de múltiplas potencialidades onde o corpo é redefinido em novos domínios e onde ele adquire e reinterpreta sua própria sintaxe. Assim como os vapores que exsudam dos utensílios sob a ardência das chamas, de maneira análoga, exsudam os vapores emitidos dos corpos humanos. Todavia, a presença de um corpo impregnado de erotismo por meio da narrativa literária delinea uma trajetória marcada pela fragmentação e desmembramento corporal (CRUMPACKER, 2009).

REFERÊNCIAS

- ADOUM, Jorge. **Do sexo à divindade: as religiões e seus mistérios**. São Paulo: Pensamento, 1997.
- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- ALBERONI, Francesco. **O erotismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- AMADO, Jorge. **Dona flor e seus dois maridos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BATAILLE, George. **As lágrimas de Eros**. Lisboa: Sistema Solar, 2012.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BORGES, Luciana. **O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina: um estudo de Clarice Lispector, Hilda Hilst e Fernanda Young**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2023.
- CASTRO, Christiane. **Alimentação E Sexo - Realidades E Mitos Sobre Os Afrodisíacos**. São Paulo: Nutroserv, 2006.
- CRUMPACKER, Bunny. **A vida sexual dos alimentos: uma viagem através da história e da psicologia da comida**. São Paulo: Editora Matrix, 2009.
- DABHOIWALA, Faramerz. **As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual**. São Paulo: Globo, 2013.
- DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1985.
- FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- FREUD, Sigmund (1918 [1914]). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In: Freud, Sigmund. **Obras Completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GOULEMOT, Jean Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII**. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia**. São Paulo: Editora Hedra, 2000.

KRAUSE, Rubén Solís. **Erotismo: a cultura libertina**. Lisboa: Editorial Estampa, 2007.

LLOSA, Mário Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MORAES, Eliane Robert. **O que é pornografia**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1986.